

APTD 03.5.6-2/1

Você repara que Lenine dizia - não sendo possível um ataque frontal a Europa, é preciso praticar o desdobramento através da Ásia e da África. Ora, tendo perdido terreno na Ásia, com a perda da Indonésia. A situação no Vietname, tendo criado dificuldades aos seus planos expansionista. Na África, que eles dividiam a África em dois períodos - a África branca e a África negra, e Mao Tse-Tung chegou a prever o fim da África para 1.965, que seria a terceira etapa. Perdendo terreno na África, evidentemente, eles evoluíram dentro da flexibilidade que apresenta toda sua estratégia e sua tática. Então, o ponto vulnerável hoje é a América Latina, daí esta atenção que exige do serviço de informações o problema, que independe da Tricontinental, independem de reunião da OLAS./ Agora, não vai a uma preocupação.

FEHLBERG - Cel, o Sr. é da "linha dura"?

CEL ASSIS - Em primeiro lugar, "linha dura", é uma expressão criada pela imprensa, hoje já aceita indiscutivelmente. Mas, vamos definir esta pergunta. O que você conceitua - "linha dura"? Eu vou lhe responder - "linha dura", que não é privilégio da área / militar revolucionária. É da área civil e militar, e, eu tenho / encontrado, já aceitando o termo de "linha dura", mais dureza na área civil do que na área militar. O que é a linha dura? É a linha que não permitirá que este país volte aos idos de 1.964, primeiro trimestre de 1.964 e 1.963. Quer dizer, não permitirá que o Brasil seja satélite de Cuba, da Rússia ou da China. Isto é a definição de linha dura, e neste caso eu me coloco dentro da linha dura.

FEHLBERG - Cel, o Sr. se inclui também entre os militares favoráveis a continuação, a manutenção dos atos institucionais do Governo Castelo Branco. Acha que eles deveriam continuar, inclusive o dispositivo sobre cassações de mandatos?

CEL ASSIS - Então eu vou explicar porque: - Confuncio já dizia o seguinte - "Os parvos aprendem por experiência própria." Os doutos pela experiência alheia". O que tem acontecido no mundo nos ensina que não se pode combater a subversão, se, o poder Judiciário não for dotado de leis eficientes e as interprete e aplique de acordo com a conjuntura. Ora, isto não está ocorrendo no Brasil. O poder Judiciário não está analisando a conjuntura mundial a conjuntura da América Latina, não está interpretando e aplicando as leis que lhe foram dadas. Nessa condição até que o Poder / Judiciário assimile os ensinamentos, a experiência do mundo, eu sou francamente favorável a manutenção dos atos institucionais./

FEHLBERG - O Sr. acha que o Poder Judiciário não está integrado na linha revolucionária?

CEL ASSIS - Não é bem na linha revolucionária. Ai já foge a linha revolucionária. Não está integrado na defesa da democracia.

FEHLBERG - Esta observação é muito importante que o Sr. faz.

continua...

CEL ASSIS - Bem mas é real. É real porque você veja que o Ara-// quem, envolvido naquele plano aqui, apurado em inquérito, estava solto. Foi preso agora em Caparaó. E todos aqueles que foram soltos pela Justiça, foram presos em Caparaó. Mais o seguinte, - na tentativa de sabotagem do avião da FAB no Aeroporto Salgado Filho, provado em inquérito, estão todos soltos aguardando julgamento. Se pudesse fazer uma critica a Revolução de 31 de março, eu faria uma - é processo penal, é o código penal, que não foi modificado. Você veja que a Justiça no Brasil é lenta. Ocorre um crime pavoroso, emociona a opinião pública, querem linchar o criminoso, leva dois anos para ser julgado, no fim a população já está até a favor do criminoso. Este problema não ocorre em outro país. Esta é a realidade. O código penal não foi modificado, vem da década de 30. é na base de decreto lei. Este foi um erro da revolução. O processo penal precisa ser modificado, precisa ser atualizado.

LAURO - Cel, o Sr não acha que o confinamento do jornalista Hélio Fernandes, não constitui um retrocesso no processo de redemocratização?

CEL ASSIS - Em primeiro lugar, eu discordo deste termo - REDEMOCRATIZAÇÃO.

FEHLBERG - É um termo muito empregado.

CEL ASSIS - É um termo muito empregado. A imprensa emprega, já foi concientizado, mas eu não julgo que o problema do Brasil seja de redemocratização, é, de aprimoramento da democracia. Quem viveu na ditadura do tempo de Getúlio Vargas em 1937, não vai dizer que depois de 31 de março nos vivemos numa ditadura. Inclusive você vê que no próprio golpe de 1955, decretaram estádio de sítio, e não havia liberdade de imprensa. Hoje a imprensa diz o que quer. Agora, é preciso que não se confunda democracia com licenciosidade e sem responsabilidade. É preciso que aja democracia com responsabilidade.

FEHLBERG - 64, 65 e 66 é admitido, inclusive por figuras do Governo como de transição.

CEL ASSIS - De transição, admito. Mas não de redemocratização de aprimoramento do processo democrático, de criar uma nova mentalidade política na Nação. Este é o objetivo político da revolução. O confinamento do Hélio Fernandes, dentro do plano de subversão/ e de desgastar o Poder Legal, por que isto é uma técnica, era necessário. O Hélio Fernandes havia feito o primeiro teste em 15 de março. O Governo deixou passar, porque para mim não teria passado, o problema não era Hélio Fernandes.

FEHLBERG - O Sr. teria confinado já em 15 de março.

CEL ASSIS - Não. Não teria confinado. O problema não era Hélio Fernandes, o que o Ato Institucional proibia era os órgãos de

continua...

imprensa darem divulgação ao pronunciamento de cassados. Então, / se no dia 15 de março o Governo tivesse fechado, tivesse suspen- dido a Tribuna de Imprensa, nem que fôsse por 24 horas não teria existido êste confinamento do Hélio Fernandes, agora. Porque, tu do é um teste para testar e solapar o Poder Legal. Si você anali- zar os diversos fatos, você não vai fugir disto. Por tanto era / uma necessidade o confinamento.

FEHLBERG - É verdade que havia ameaça a própria integridade físi- ca do Hélio Fernandes.

CEL ASSIS - Eu não acredito nisso. Mas temos que admitir no bra- sileiro o fator emocional. A irritação era grande, e daí, num / clima emocional como o vivido no dia em que foi escrito o artigo tudo era possível. Agora, não acredito que houvesse um pré-plane- jamento de alguma ação contra o Hélio Fernandes, e muito menos / contra a tribuna de imprensa.

LAURO -- Cel, Como o Sr. receberia uma decisão da Justiça decla- rando ilegal o confinamento?

CEL ASSIS - Eu receberia com desagrado. Porque aí cairia nesse// caso - a Justiça não está interpretando e aplicando a lei de a- / côrdo com a conjuntura. Quer dizer, ela não está zelando pela de- fesa da democracia do Brasil, e nem pelo aprimoramento do regime democrático. Isto é indiscutível e fora disso, não há salvação.

FEHLBERG - O que o Sr. preconiza para sanar esta falha.

CEL ASSIS - Um melhor endotrinamento da Justiça brasileira. Que/ ela viva a conjuntura que vive o mundo, e principalmente hoje a/ América-Latina.

FEHLBERG -- Cel, passando para um outro problema. O problema estu- dantil. Os estudantes vem realizando vários movimentos, incluín- do entre seus objetivos o que eles chamam de redemocratização. Co- mo o Sr. explica ação repressiva do Governo a êstes movimentos?

CEL ASSIS - Em primeiro lugar, vocês da imprensa generalizam o termo estudante, eu fui estudante, tirei meu curso aqui na Facul- dade de Medicina, vivi dentro da Universidade. Não existe o pro- blema estudante. Existe uma minoria de agitadores profissionais, / que para fazerem agitação ingressaram nas Faculdades. Você veja/ Pôrto Alegre. Fazem uma reunião a Universidade tem 9.000 estudan- tes, aparecem 300 (trezentos) e vocês empregam o termo estudan- tes. Trezentos agitadores não representam os 8.700 que não compa- receram. Não existe o problema estudante. Existe o problema de agitadores que se infiltraram na classe estudantil, como se in- / filtraram em diversas classes, até na militar antes de 1.964.

FEHLBERG -- Como o Sr. ve a ação do Ministério de Educação no ca- so?

CEL ASSIS - Em primeiro lugar, ainda não respondi a pergunta.

FEHLBERG - Conclua.

CEL ASSIS - Você fala em repressão. Tôda a ação gera uma reação.

FEHLBERG - Certo.

CEL ASSIS - Muito bem. Os ensinamentos que se tem é de que se não houver punição das lideranças eles intimidam a maioria dos Estudantes. Veja o problema da Universidade do Rio Grande do Sul. / Quando a Reitoria resolveu agir contra aqueles que perturbavam o ensino dentro da Universidade do RG do Sul, cessou o problema na Universidade. Este é o ensinamento. No caso de terrorismo, no caso de sabotagem, no caso de agitação, se não houver punição rigorosa dos elementos culpados, não há contrôle da situação. E, é interessante que vocês da imprensa, e o próprio jornal seu, eu vi, / eu li no Jornal do Brasil, pressionam e exigem do governo a punição dos responsáveis por atos de terrorismo. Inclusive outro dia publicaram uma crítica por até hoje não ter sido apurado o atentado de Guararapes. O problema do terrorismo é um problema difícil, porque é feito por uma minoria, hoje, vamos definir melhor, os atos de terrorismo e sabotagem, são praticados por grupos de dois, para manter o sigilo e a segurança, um terceiro será reserva, e só saberá da ação se tiver de substituir um dos encarregados da ação. Se não houver punição rigorosa, eles intimidam a massa, porque o objetivo da sabotagem, do terrorismo é intimidar a massa, é obter o que eles chamam a "cumplicidade do silêncio" e desgastar o Poder Legal.

FEHLBERG - Certo. Então eu lhe faço a pergunta que já havia iniciado. Como o Sr encara, como o Sr assiste a ação do Ministério da Educação e Cultura no problema estudantil?

CEL ASSIS - O Ministério da Educação é um órgão técnico de ensino. O que ele tem que ver é com o ensino. Isto que você quer falar em estudantes, não é ensino, isto é agitação, isto é subversão, não é caso do Ministério da Educação, isto é caso de Polícia. Aliás, / neste ponto eu faço minhas as palavras do Ministro Tarso Dutra. / Não é problema do Ministério da Educação. O problema de agitação de estudantes na rua é problema de polícia, e se a agitação foi dentro da Universidade, é problema disciplinar da Universidade, / mas nunca problema de ensino. Ministério da Educação, é um Ministério técnico que trata de ensino, e não de agitação no meio estudantil. Não é problema dele.

FEHLBERG - Eu pergunto isto, porque quando o Sr Tarso Dutra assumiu o Ministério chegou a conceder uma entrevista anunciando sua disposição de manter o diálogo com os estudantes.

CEL ASSIS - Mas dá licença, manter diálogo com estudantes é uma coisa, mas quando eu me refiro a estudantes, eu me refiro aos 8.700 da Universidade do RG do Sul e não aos 300 agitadores, que se reúnem quando há qualquer agitação.

LAURO - Mal Cel o Sr acha que a Universidade brasileira é tão perfeita assim que não cabe de vez em quando pelo menos um movimento reivindicatório. O Sr quando estudante, nunca fez movimento nenhum.

CEL ASSIS - Mas movimento reivindicatório de ensino. O que você vê hoje não é. O que é que eles estão tratando: guerra do viet-

vietnam, luta anti-imperialista, , porque hoje a idéia-força de mobilização de massa é a luta anti-imperialista. Você já viu como técnica - o nacionalismo, foi utilizado na Africa, foi utilizado no Brasil. Você viu como ideia-força "Reforma de Base". Hoje - ninguém mais fala em "Reforma de Base", ninguém mais fala em "Nacionalismo". Hoje a ideia-força de mobilização de massa, pela palavra de ordem do Comunismo internacional é a luta "anti-imperialista" e em todo mundo você vê. E o meio de agitação. Porque você sabe que o comunismo pretendia levar esta revolução mundial através das classes proletárias, tanto que o "slogan" era - "Proletários de todo o mundo uni-vos". Hoje não é mais, hoje é através da massa estudantil, que é a massa de manobra mais fácil. E dizem - eles que o capitalismo que foi estudado por Marx já não mais existe. Hoje, o neo-capitalismo como eles chamam agora e o neo-colonialismo não permite mais a mobilização de massa proletária, então em todo o mundo você vê que a agitação é feita através dos estudantes. Na própria China, Mao Tse Tung mobilizou quem? A "guarda-vermelha" é estudantes. Estudantes de curso médio e superior. Eu admito a reivindicação dentro do problema de ensino, melhores horários, melhores aulas, melhores equipamentos de ensino nos laboratórios, dos hospitais, no caso de ensino médico. Mas não é isso que você vê, isso eles não tratam. Você vê o que a UNE tratou não teve nada, nada, nada disso. Você não vê um Congresso Estudantil desses órgãos - UNE = AP = etc, que trate de alguns problemas de ensino. Já viu, já viu. Algumas das teses que sejam de ensino, de melhoria de ensino, de melhoria de padrão de ensino. Não.

FEHLBERG - Cel, eu vou lhe fazer uma pergunta a respeito desse - último Congresso da extinta UNE, que contou com o apoio, ou pelo menos com a solidariedade de sacerdotes em São Paulo.

CEL ASSIS - Alí não é o problema da UNE e de padres. Alí é uma - coisa só, é a AP - AÇÃO POPULAR - que atua em frente única com o Partido Comunista. A AP pretende a instalação do regime socialista no Brasil. Tanto que eles reagem, o Grivot era um deles. Uma vez aqui num debate ele me disse, não, a AP não é comunista. Atua em frente única com o PC, e a UNE, que vem há anos atuando - em frente única. As vezes a liderança está com elementos do PC e as vezes da AP. Ora, a AP o que é - é o chamado catolicismo revolucionário ou a esquerda católica. Reúne a JUC, a JOC, a LEC e a POLOP. E, quais são os líderes dentro da AP - os dominicanos. Você pega o documento básico deles e você vai vêr isso, e, agora ainda, vem da França um padre dominicano para falar dentro do Brasil.

FEHLBERG - O Sr acha que existe esquerdismo na igreja.

CEL ASSIS - Mas está definido. Existe. É a chamada "esquerda católica". Eles mesmo dizem. Aliás, uma deturpação, porque adotaram - este termo de "esquerda" e sobre isto Lenine escreveu um livro - chamado: "A doença infantil do esquerdismo no comunismo". Deturparam e dizem o seguinte: "Esquerdismo, doença infantil do comunismo". Mas na realidade o título do livro não é este. Inclusive vou

ARTD 03.5.6-2/6

te dizer mais; em 1935 o PC baixou uma diretriz onde determinava que comunistas entrassem nos Seminários para melhor pregação de sua ideologia. E isto, quando houve o "Rosário em Família" aqui, foi confirmado pelo padre que veio aqui. Ele contou diversos casos e confirmou. Você viu que nessa eleição que houve nos Seminários de São Leopoldo e Viamão, deram a vitória para a "Esquerda". Então, vamos dizer que não existe, "vão querer tapar o sol com uma peneira". "O pior cego é o que não quer vê".

FEHLBERG - Passando a um outro assunto. Cel, como o Sr está vendo o episódio do crime do ex-sargento Manoel Raimundo Soares.

CEL ASSIS - Eu ví. Eu acompanhei este caso. Já antes do caso acontecer, se sabia por uma carta apreendida antes do crime que ocorreria um fato de grande repercussão nacional. Era uma carta de elemento da ala trotiquista. Evidente que não existem elementos - para dizer que era este o fato que ocorreria, mas este foi um dos fatos de grande repercussão nacional. Eu li outro dia nos jornais que o Promotor havia denunciado um companheiro, o Major Menna Barreto, como co-autor da morte do sargento. Eu não acredito. Isto deve ser cousa de jornal. Porque eu que li este inquérito, não existe ali elementos de convicção para oferecer denúncia a quem - quer de seja, muito menos ao Major Menna Barreto. E aquele relatório, aquela síntese que vocês fizeram, foi a melhor que eu ví, até merece cumprimentos. Você descreve a cousa bem. Você vê que antes que fosse encontrado o cadáver, vocês, nas redações dos jornais receberam já informes que seria encontrado. Que tratava-se de um caso político. Antes de identificado, a viuva já foi trazida. Mas viuva de quem, não sabiam quem era. Vocês se lembram, depois foi apreendida aquela carta do ARAQUEM, onde ele relatava o fato, dizia que seria organizada uma CPI, que os jornais estavam dando grande repercussão, que o Candido Norberto seria o advogado que a "esquerda festiva" estava pagando, que ela estava bem instalada. Se lembram. A CPI da Assembléia, ela procurou tudo, o que - menos interessou à ela, foi averiguar quem matou o sargento, isto eles não ligaram. Você lê o inquérito, lê os interrogatórios, pouco interessava à eles saber quem matou o sargento. Era uma fase - pré-eleitoral, o que interessava era a agitação. E, é por isso - que eu não acredito nessa notícia do jornal de que o Promotor ofereceu denúncia, porque admitir que ele tenha oferecido denúncia porque no inquérito não existem elementos de convicção, é admitir que ele esteja no plano de agitação. Porque, você vê que este problema do sargento vem rendendo, quando parece que vai parar, surge a CPI, depois da CPI, surgiu aquela denúncia contra o Cel Bermudez, o Ten Cel Lauro, etc. Eu não acredito. Todos os elementos de convicção que existem são de que o caso do sargento é um caso idêntico ao de Elza Fernandes.

FEHLBERG - Mas se não foi notícia de jornal, se realmente o Promotor denunciou.

APTD 03.5.6-2/7

CEL ASSIS - Se o promotor denunciou naquilo que está no inquérito, que ali não tem nada, então é aquilo que eu já disse, o Promotor também está no plano de agitação, de manter a agitação. Em primeiro lugar : porque eu não admito que um Promotor tenha dado qualquer coisa para a imprensa. Já de início, já considero inválido, porque não acredito que um Juiz ou um Promotor vá dar para imprensa o pronunciamento dele. Não é normal, isto na justiça brasileira, a não ser que esteja dentro de um esquema.

FEHLBERG - O que eu posso lhe dizer é que realmente a notícia - foi colhida em fonte judicial.

CEL ASSIS - Mas foi judicial, ou foi dele. Aí é outra coisa.

FEHLBERG - Não, foi lá na barra do Juri.

CEL ASSIS - Sim, mas na barra do Juri pode surgir muita conversa. Mas não foi dele. Você ouviu da voz dele.

FEHLBERG - Do Promotor, não.

CEL ASSIS - É por isso que eu não acredito.

FEHLBERG - Mas a denúncia foi feita.

CEL ASSIS - Você leu.

FEHLBERG - Não.

CEL ASSIS - Eu também não li e não acredito.

FEHLBERG - Então é válida sua observação.

CEL ASSIS - É válida minha observação.

FEHLBERG - Que em caso positivo o Promotor está no plano de agitação.

CEL ASSIS - A não ser que tenham surgido novos elementos, depois do inquérito encerrado. Mas como êle não baixou para novas investigações, porque êste inquérito esteve com a Procuradoria Geral da República, esteve com o DPF, portando se não foram colhidos - novos elementos em novas investigações que não foram feitas. Porque o único que colheu novos elementos, foi, depois do fracasso de Caparaó, que o Arakem foi preso, estes novos elementos foram colhidos pelo Exército e não por este inquérito, porque êles não mandaram ninguém a Minas ouvir o Arakem, depois daquela carta, - que não existe a menor dúvida porque era uma carta manuscrita. Onde eles colheram novos elementos para oferecer denúncia?

FEHLBERG - Cel, o Sr acha que a Revolução Brasileira está consolidada.

CEL ASSIS - Consolidada em termos, de que seja irreversível. A, está. Agora ela ainda não atingiu todos os seus objetivos, evidente que os sinais de recuperação do País já estão aí a olhos vistos e em todos os sentidos. Consolidada, em termos de irreversibilidade, isto não há nenhuma dúvida. Tirem da cabeça êstes que pensam poderem tornar a Revolução reversível. Existe uma uniformidade de doutrina na área militar e civil que torna a Revolução por muitos anos, até que atinja seus objetivos.

LAURO - Cel, como o Sr observa estas gestões em torno da "Frente Ampla", a recente visita do Sr Carlos Lacerda aqui no Rio Grande do Sul.

APTD 03.5.6-2/8

CEL ASSIS - Em primeiro lugar, eu mudaria o nome de "Frente Ampla". Eu daria o nome de "Frente Fria", porque isto é frio. O objetivo é criar um partido político para dar cobertura ao Sr Carlos Lacerda que quer ser presidente da República. Como ele não tem possibilidades de uma mobilização para organizar um terceiro partido de acordo com que a Lei permite, ele quer criar um partido para si. Neste ponto, eu encampo a tese do MDB - ou faz um terceiro partido ou não há razão de Frente Ampla ou Fria, porque quem está contra a Revolução entra no MDB, quem está a favor entra na Arena. Não acredito, não dá preocupação esta Frente Fria, não precisa usar cobertor nem sobretudo.

FEHLBERG - A posição atual do CARLOS LACERDA, o Sr acha mais próxima de uma recomposição com a Revolução, ou de uma integração definitiva na Oposição ?

CEL ASSIS - Acho difícil. Cada vez ele se afasta mais; o desgaste dele é total na área da Revolução e eu digo isto porque eu fui Lacerdista, até onde pensei que o Sr CARLOS LACERDA era um idealista que queria endireitar o Brasil, mas, o Sr CARLOS LACERDA é ele. O seu desgaste é total na área da Revolução e principalmente na área militar. É difícil. Eu sei que há políticos fazendo força para que ele concilie com a Revolução. Eu acho muito difícil que o Sr CARLOS LACERDA concilie com a Revolução, porque a Revolução não foi feita para atender os interesses pessoais de ninguém; foi feita para atender ao Brasil. Não cabe o Sr CARLOS/LACERDA nesta conjuntura.

FEHLBERG - O Sr CARLOS LACERDA foi sempre tido assim como um político que possuía cobertura militar. Perdeu toda ela ?

CEL ASSIS - Evidente; inclusive sua cobertura maior era dentro da Aeronáutica. Ele perdeu e, cada vez perde mais. E não tem outra solução: ou entra na Oposição ou organiza um partido para ele, como era comum antigamente. Havia trinta partidos no Brasil porque cada um queria ser dono de um partido, para ter uma posição política. Os programas eram iguais. Diferenciavam o programa do P.L., que se batia pelo Parlamentarismo, o P.R.P., porque o resto, você lia os programas, eram iguais. E verificamos que ninguém falava em programa de partido, falava em si. Chegavam até a provocar dissidências no Partido à pretexto de que "tinham lavado as mãos" e até surgiu o Partido das Mãos Limpas". Lembra-se ?

LAURO - Com a ARENA e o MDB o Sr acha que melhorou ?

CEL ASSIS - Eu acho o seguinte: todo mundo fala em Democracia, / em democratizar, mas só existe uma Democracia estável com partidos políticos fortes, e só existe partido político forte com disciplina partidária. Enquanto a situação ocorrer, como vem ocorrendo, sem disciplina partidária no MDB, sem disciplina partidária na ARENA, não teremos Democracia estável. A base do regime democrático são os partidos políticos, e é por isso que eu discordo quando vêm defender o problema da partidipação do estudante na política, Eu acho que o estudante deve entrar na política, mas entrar no partido, procurar assumir a liderança dentro /

dos Partidos Políticos que aí estão e, se quiserem organizá-los, ou-
tro a lei o permite.

FEHLBERG - Como o Sr acompanha a atuação da Oposição Brasileira?

CEL ASSIS - A Oposição - aliás o Presidente já definiu - é essen-
cial ao regime democrático. A Oposição Brasileira, hoje defini-
da no MDB nós podemos dizer | 80% do MDB faz oposição perfeita-
mente aceita; 20% faz subversão, faz contra-revolução. Estes 20%
não são aceitos.

FEHLBERG - E a ARENA, o Sr acha que a ARENA está interpretando /
fidelmente ?

CEL ASSIS - Também não está. O objetivo do Presidente Castelo /
Branco, quando criou a ARENA, foi estruturar o Partido da Revolu-
ção. Não sei se você se lembra daquelas pregações do Brizola, on-
de êle dizia que o País de maior índice de desenvolvimento, na /
América, era o MEXICO. Elogiavam muito o MEXICO. E, por que ? /
Porque o MEXICO tem uma estabilidade política assegurada por um
Partido forte, que é o Partido Revolucionário Institucional, cria-
do depois da Revolução, que há 40 anos detém o poder, com 80% das
cadeiras. O objetivo foi fazer da ARENA o Partido da Revolução; /
evidente que não pode ser de uma hora para outra. Quando foram /
criados êstes, outros Partidos que existiam - e você se lembra /
disso, UDN, PSP, etc, - eram todos partidos de cúpula. É muito /
cêdo ainda, mas há um trabalho dentro da ARENA, aliás, um traba-
lho liderado pelo Deputado Clovis Stenzel, conterrâneo nosso, que
visa êste objetivo, porque, vocês da Imprensa, batizaram o grupo
do Deputado Clovis Stenzel de GUARDA-COSTAS. Vocês deturparam /
porque o Presidente é COSTA e SILVA. Vocês acharam que aquele /
grupo era para defender o Presidente Costa e Silva, mas não é na-
da disso. Êle se chama GUARDA-COSTAS porque GUARDA-COSTA define-
se como a defesa aproximada. Ora, será GUARDA-COSTA seja o Presi-
dente Costa e Silva, seja o seguinte que vier, porque é a defesa
aproximada dos objetivos da Revolução. É porisso que se chama /
GUARDA-COSTA. É independente do nome do Presidente. É GUARDA-COS-
TA dos objetivos da Revolução, seja qual foi o Presidente que es-
tiver lá.

LAURO - Coronel Assis, o Sr acha que a Revolução pode se conso-
lidar sem conter o custo de vida ?

CEL ASSIS - Em primeiro lugar, não era possível, e, era ilusão/
de quem pensava que uma inflação de 100% em 1963, que diziam no
rádio francamente; o Sr SERENO CHAISE, deu uma entrevista no /
Correio do Povo, publicada na última página, pouco antes de to-
mar posse, onde êle dizia que a inflação chegaria, até julho de
1964, em 144%, ora, neste 1º semestre, segundo todas as estatís-
ticas nós estamos com uma inflação de 15%, então há uma deflação
gradual, aliás, dizem os entendi-ôs em economia que a deflação /
violenta é tão grave quanto a inflação. E está havendo um defla-
ção gradativa.

FEHLBERG - O Sucessor do Marechal Costa e Silva, na Presidência.

APTD 03.5.6 - 2/9

da República deverá ser, necessariamente militar ou o Sr acha / que um Civil pode unir as Fôrças Armadas ?

CEL ASSIS - Não é questão de unir. As Fôrças Armadas estão uni- das e gastam tinta e papel na Imprensa àqueles que querem ver / uma Ala Castelo Branco e uma Ala Costa e Silva. Não existe isto nas Fôrças Armadas. Existe uniformidade de doutrina nas Fôrças/ Armadas Brasileiras, e, é por isto que existe uma situação con- trolada. Dentro daquela conceituação que eu dei, do que seja / "linha-dura" o próximo Presidente poderá ser Civil ou Militar, / desde que qualquer um dos dois, seja "linha-dura", porque se / for para botar um militar da "linha-mole" eu prefiro um Civil / da "linha- dura" dentro daquela conceituação que eu dei - man// ter irreversível a Revolução - e, há civil mais "linha-dura" / que muito militar.

FEHLBERG - Existe Poder Militar no Brasil ?

CEL ASSIS - Poder Militar existe. Existe em qualquer país do mundo. Poder Militar é o que garante o Poder civil, é o que ga- rante as Instituições. Isto em qualquer país do mundo.

FEHLBERG - O Sr acha que o Poder Civil está muito desprestigia do ?

CEL ASSIS - Alguns dos setores do Poder Civil, podem estar des- prestigiados. Mas o Poder Civil se constitui do Executivo que / eu não considero desprestigiado; do Poder Judiciário e do Poder Legislativo. O Poder Judiciário precisa melhorar, porque, nor- / malmente o que você ouve aí na rua é que com este Poder Judiciá rio que tem o Brasil, só vai para a cadeia quem rouba um pão. Is to é o que você ouve nas filas e, se analisar bem, não é muito/ diferente disso.

FEHLBERG - Quando o Sr falou no Deputado Clovis Stenzel, eu me lembrei, o Deputado Clovis Stenzel não é gaúcho. É capichaba.

CEL ASSIS - Não. É de Osório. É gaúcho de Osório.

FEHLBERG - É isso mesmo. Morou no Espírito-Santo. Foi Secretá- rio do Interior.

LAURO - Coronel, 01:10.

FEHLBERG - Coronel, como o Sr vê a atuação da maioria parlamen tar do MDB na Assembléia ?

CEL ASSIS - É Oposição, enquanto se mantiver nessa linha de opo sição natural dentro do regime democrático. Quando passar pela/ sua maioria para a linha da subversão é que nós vamos ver como é que vai ficar . Mas eu não acredito porque a maioria do MDB - / existe uma minoria dentro do MDB que faz subversão, é evidente/ mas nunca essa minoria conseguirá levar a maioria do MDB para a linha da subversão. Aliás isto foi denunciado pelo deputado / BRESSOLIN, quando em 1.965 , disse que o PTB precisava expulsar de seu seio os comunistas e corruptos que haviam se infiltrado./ Discurso na Câmara Federal que eu tenho aqui no Diário do Con- / gresso, que publicou.

LAURO - O Sr acha que a corrupção e a subversão estão banidas ?
CEL ASSIS - Pelo que eu defini dentro de estratégia e objetivos
comunistas a subversão nunca será banida, porque é
outro dia andaram dizendo aí que o desenvolvimento acaba com a
subversão. Os países mais desenvolvidos - A Alemanha Ocidental, /
está enfrentando o problema. Os Estados Unidos estão enfrentando
o problema com características de guerrilha urbana - sofrem a /
subversão. Com a corrupção você pode acabar, mas é preciso para /
que se acabe com a corrupção, é preciso que se conte com apoio /
da Justiça Brasileira, senão não acaba. Se continuar êsse negó- /
cio, só vai para a cadeia quem rouba um pão, não acaba mesmo a
corrupção no Brasil.

LAURO - Não há mais tempo, porque nosso tempo já está de há /
muito esgotado.

Nós, ao encerramento dêsse programa, agradecemos o comparecimen-
to do Coronel Dr Carlos Assis e a atenção dos telespectadores pa-
ra com êste programa da Caixa Econômica Estadual do Rio Grande à
do Sul, que voltará a ser apresentado na próxima quarta-feira, /
às 23:20. Boa-Noite.

ARPD 03.5.6 - 2/11